

comportamento

CONHEÇA PESSOAS QUE CONSEGUIRAM FORTALECER RELACIONAMENTOS DURANTE O TRATAMENTO ONCOLÓGICO

Na saúde e na doença



No início de um relacionamento afetivo, as dificuldades do cotidiano se tornam uma prova de fogo quando um dos parceiros descobre um câncer. Mas enquanto muitas histórias ficam pelo caminho, há outras que mostram que o apoio do amado pode, sim, ajudar na recuperação.

O casal Daniel e Daniela Beneventi, de São Paulo, é uma prova disso. Daniel, 35 anos, enfrentou a doença duas vezes. Na primeira, aos 21, namorava outra moça havia cinco anos. “Foi uma fase bem difícil para mim. Tudo aconteceu ao mesmo tempo. Fui demitido, meu namoro acabou e ainda tive problemas para o plano de saúde custear meu tratamento. Mas nunca pensei que o câncer fosse me levar embora. Sempre tive fé”, relata Daniel, que é desenhista e foi diagnosticado com um carcinoma indiferenciado de rinofaringe, região que fica atrás do nariz. “Passei por 35 sessões de radioterapia. Não sei precisar quantas de quimioterapia.”

Tudo isso aconteceu entre 2005 e 2006. Em 2007, quando tinha acabado de conhecer Daniela, o desenhista começou a apresentar uns sintomas estranhos. “A água que eu bebia voltava pela região nasal. Tivemos poucos encontros antes de eu descobrir que estava com câncer novamente”, recorda o rapaz, então com um carcinoma indiferenciado sugestivo de nasofaringe, região da faringe quase na altura da tireoide.

Daniel decidiu não esconder a situação. “Contei para Daniela logo que descobri. Para minha surpresa, em vez de se afastar, ela se ofereceu para me acompanhar durante o tratamento. Foi no hospital que começamos, de fato, a namorar”, conta ele, ressaltando que os momentos difíceis eram enfrentados “numa boa”: “Ter uma companhia, alguém do lado encarando com naturalidade, rindo com você, faz tudo passar mais fácil”.

Promotora de eventos, Daniela admite ter levado um susto quando o namorado – hoje seu marido – disse que estava com câncer. “Se eu fiquei preocupada com o nosso futuro? Sim! Sempre que falamos nessa doença, as pessoas esperam o pior. Quando eu pedia a opinião de alguém, diziam para eu me afastar, para não sofrer. Falavam que nos conhecíamos há pouco tempo e que não valia a pena eu passar por isso”, lamenta.

Para Daniela, um momento marcante foi quando o cabelo de Daniel começou a cair, como reação à quimioterapia. “Não pelo fato de ficar careca. Mas passar a mão na cabeça e ver a quantidade de cabelo que cai faz a pessoa se sentir doente. No dia em que o Dani raspou a cabeça, ele apareceu no hospital de óculos escuros, todo arrumado e com um sorriso lindo! Acho que foi nesse dia que pensei: ‘Quero essa pessoa do meu lado para o resto da minha vida’. Que força! Mas que leveza ao mesmo tempo!”, emociona-se.



“Muitas pessoas passam pelo câncer. Muitas se salvam, se recuperam. Não é fácil, mas não existe amor sem doação, e se um casal não entende isso, não vai ficar por muito tempo junto”

DANIELA BENEVENTI

Ter passado por uma situação tão grave logo no início do relacionamento, acredita Daniela, deu ao casal a força necessária para permanecer junto. Mas a luta não havia terminado. Um dos efeitos colaterais do tratamento foi que Daniel deixou de produzir espermatozoides, e o sonho de Daniela sempre foi ser mãe. “Todo dinheiro que entrava, guardávamos para fazer o tratamento de fertilização, mesmo com os médicos dizendo que não era possível. Em 2015, tivemos uma surpresa: os espermatozoides do Dani voltaram. Eram poucos e não sabíamos a qualidade, mas já tornava uma inseminação possível”, relata.

Foram duas tentativas, ambas sem sucesso, antes de Daniela ser hospitalizada para tirar um mioma no útero. A terceira vez foi bem-sucedida inicialmente, mas ela perdeu o bebê no terceiro dia. “Só restava um embrião antes de ter que passar por todo o processo de estimulação ovariana de novo. Quis fazer logo em seguida. Daquela vez deu certo: uma semana depois, tive um sangramento, corremos para o hospital e ouvimos as batidas do coração da nossa bebê. Nossa filha nasceu dia 30 de outubro de 2017 e, sem dúvidas, foi o melhor momento de nossas vidas.”



Foto: Irla César

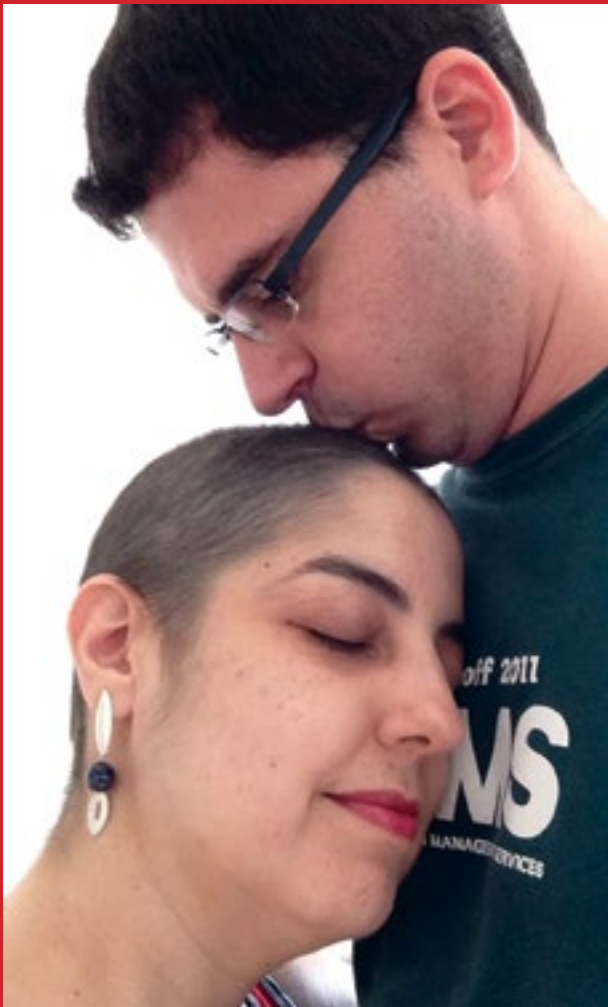


Foto: arquivo pessoal

JULIANA E LEONARDO

Profissionais de tecnologia da informação, Juliana Esmerio, 40 anos, e Leonardo Paccanaro, 33, começaram a namorar em 2010. Dois anos depois, ela descobriu um tumor ovariano raro, chamado teratoma imaturo. “O diagnóstico foi difícil, pois eram poucos sintomas. Só tive falta de apetite e a barriga um pouquinho inchada. Fiz um ultrassom, e descobriram uma ‘bola’ dentro de mim, tomando o ovário esquerdo, que precisou ser retirado. Somente depois da cirurgia e da biópsia veio a confirmação do câncer”, descreve Juliana, natural de Jacareí, município do interior paulista que fica a cerca de duas horas de Campinas, onde morava Leonardo. “Contei no mesmo dia para o meu namorado. O apoio que recebi dele foi fundamental.”

Foram duas cirurgias, uma em janeiro e outra em março de 2013, seguidas de três meses de quimioterapia. Juliana, que na época voltou a morar com os pais, falava com Leonardo, durante a semana, por chamadas de vídeo. Aos sábados, ele ia para a casa da namorada.

Desde o início, a possibilidade de terminar o relacionamento foi descartada. “Nunca tive a intenção de deixá-la por causa da doença. Amor não desaparece de um dia para o outro”, frisa Leonardo, que, para conhecer melhor a doença, buscou o apoio do irmão médico. “O que ele me passava batia com as orientações do oncologista da Juliana. Por estar bem informado, acho que me mantive bastante tranquilo.”

Leonardo confessa que o momento mais complicado foi conversar com a chefe dele sobre a situação. “Felizmente, ela foi bastante compreensiva. Ela concordou em me deixar trabalhar em casa por um período, para poder ficar mais perto da Juliana”, agradece.

Enquanto isso, Juliana vibra ao narrar uma daquelas ocasiões em que o amor deixa sua marca registrada em gestos simples: “Vivi momentos muito especiais. Certa vez, Leonardo falou que estava preparando uma surpresa e não poderia me chamar por vídeo, somente mais tarde. E quando ligou, estava na minha porta. Estávamos planejando o casamento e comprando apartamento desde antes, mas o pedido de noivado veio quando eu estava careca, usando peruca. Marcamos a data para um ano depois”, recorda ela, que, entre cirurgias, quimioterapia e recuperação, ficou afastada do trabalho por um ano.

O casamento foi marcado para outubro de 2014. Para a cerimônia, Juliana, ainda com o cabelo curto, usou um aplique com seus próprios fios, cortados

“Nunca tive a intenção de deixá-la por causa da doença. Amor não desaparece de um dia para o outro”

LEONARDO PACCANARO

Quase um ano depois, já com o tratamento de Daniel encerrado, o casal subia ao altar. “Conseguimos a cura, nossa casa, nossa família, e ganhamos de Deus nosso casamento. Muitas pessoas passam pelo câncer. Muitas se salvam, se recuperam. Não é fácil, mas não existe amor sem doação, e se um casal não entende isso, não vai ficar por muito tempo junto. O amor cura, sim!”, festeja Daniela.

antes de começar as sessões de quimioterapia. O casal vivia feliz, mas faltava algo importante. “Eu tinha muitas dúvidas se poderia engravidar, quando decidimos tentar naturalmente. Não demorou muitos meses para conseguirmos.” A filha, Lívia, nasceu em março de 2017.

FABIANA E BRUNO HENRIQUE

Fabiana Vieira Alves tem 40 anos e trabalha no departamento pessoal de um escritório contábil. Ficou casada durante 22 anos, mas, no início de 2017, decidiu construir uma nova vida, com mais tranquilidade. Em 2018, ela conheceu o mecânico de caminhão Bruno Henrique de Souza, 35, por meio do Facebook. “Muitos falam que não vale a pena conhecer pessoas pela Internet, mas resolvi investir. Eu e Bruno marcamos de nos encontrar e logo começamos a namorar”, revela.

Tudo parecia bem, até Fabiana descobrir que estava com câncer de mama. Era ainda começo de namoro, uma fase de conhecimento. “Não tinha como cobrar nem exigir nada dele. Conte logo e disse que entenderia se terminasse comigo. Bruno falou que não tinha a menor possibilidade de fazer isso só porque eu estava doente”, conta Fabiana, que teve a companhia do namorado nas consultas. “Bruno é uma pessoa iluminada. Foi muito amoroso e paciente durante todo o meu tratamento. Parecia até que estávamos juntos há anos. Ele parou de trabalhar para cuidar de mim e só voltou no período em que eu estava na radioterapia.”

Bruno admite ter ficado triste quando ouviu a namorada falar que estava com câncer, mas reforça que não pensou em terminar a relação. “Ficar sem ela não passou pela minha cabeça. Era muito complicado vê-la sofrendo na quimioterapia, mas eu queria ficar ao lado dela”, recorda o mecânico. Fabiana foi diagnosticada em julho de 2018, fez cirurgia em setembro e logo iniciou a quimioterapia. Entre dezembro do ano passado e janeiro de 2019, passou por 30 sessões de radioterapia. Agora, terá que tomar tamoxifeno (remédio pós-câncer) por 10 anos e acompanhar a doença por cinco anos.

“Ficar ao lado de alguém durante o tratamento de um câncer não é uma tarefa fácil. Além do tempo que se gasta nos atendimentos, há também os efeitos colaterais da quimioterapia. É importante ter alguém por perto para auxiliar”, reconhece Fabiana, que define Bruno com uma palavra: companheiro. “Até hoje estamos muito bem. Apesar de ele ser cinco anos mais novo que eu, mostrou muita maturidade.” ■

“Ficar ao lado de alguém durante o tratamento de um câncer não é uma tarefa fácil. Além do tempo que se gasta nos atendimentos, há também os efeitos colaterais da quimioterapia. É importante ter alguém por perto para auxiliar”

FABIANA VIEIRA ALVES

Foto: arquivo pessoal

